



Revista JRG de Estudos Acadêmicos

ISSN: 2595-1661

Tramitação Editorial:

Data de submissão (recebimento): 10/08/2019.

Data de reformulação: 10/09/2019.

Data de aceitação (expedição de carta de aceite): 10/10/2019.

Data de disponibilização no site (publicação): 10/11/2019.

Editor Responsável: Me. Jonas Rodrigo

PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS DA PSICOLOGIA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA¹.

Perspectivas Epistemológicas de la Psicología: Antecedentes Históricos y Filosóficos y Contribuciones a la Psicología Contemporánea

Me. Beatriz Amália Albarello²
Dr. Ricardo Vasquez Mota³

Resumo

O artigo tematiza o processo de constituição da psicologia como ciência moderna, buscando discutir as teorias filosóficas e os antecedentes históricos que atravessaram o surgimento dessa ciência. Tem como objetivo investigar de que forma a psicologia concebeu-se enquanto ciência empírica e postulou seu objeto de estudo, considerando o momento histórico de emergência de uma noção de interioridade da experiência subjetiva privada, que passa a ser metodologicamente explorada. A argumentação explora o contraste entre as perspectivas racionalistas, empiristas e construtivistas, identificando os modelos teórico-explicativos do psiquismo.

Palavras-chave: História da Psicologia; Ciência Psicológica; Racionalismo; Empirismo; Construtivismo.

¹ © Todos os direitos reservados. A Revista JRG de Estudos Acadêmicos, bem como a Editora JRG (mantenedora do periódico) não se responsabilizam por questões de direito autoral, cuja responsabilidade integral é do(s) autor(es) deste artigo. A revisão linguística e metodológica deste artigo foi feita pelo(s) autor(es) deste artigo.

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutoranda do *Stricto Sensu* em Psicologia na Universidade Católica de Brasília. Docente no Centro Universitário IESB e na Universidade Católica de Brasília.

³ Doutor em Neurociências do Comportamento pela Universidade de Brasília e docente no Centro Universitário IESB.

Abstract

The article discusses the processes of constitution of psychology as a modern science, seeking to discuss the philosophical theories and historical antecedents that cross or emergence of science. It aims to investigate how psychology was conceived as an empirical science and postulates its object of study, considering the historical moment of emergence of a notion of interiority of private subjective experience, which is now methodologically explored. The argument explores or contrasts the rationalists, empiricists and constructivists perspectives, identifying the theoretical-explanatory models of psychism.

Keywords: History of Psychology; Psychological Science; Rationalism; Empiricism; Constructivism.

Resumen

El artículo discute el proceso de constitución de la psicología como ciencia moderna, buscando discutir las teorías filosóficas y los antecedentes históricos que cruzaron el surgimiento de esta ciencia. Su objetivo es investigar cómo la psicología fue concebida como una ciencia empírica y postuló su objeto de estudio, considerando el momento histórico de surgimiento de una noción de interioridad de la experiencia subjetiva privada, que ahora se explora metodológicamente. El argumento explora el contraste entre las perspectivas racionalistas, empirista y constructivista, identificando los modelos teórico-explicativos de la psique.

Palabras Clave: Historia de la Psicología; Ciência Psicológica; Racionalismo; Empirismo; Constructivismo.

Introdução

A modernidade inaugura uma visão diferenciada sobre a realidade, instituindo uma separação dos processos físicos e psicológicos. Em Figueiredo e Santi (2008), a crise de valores relaciona-se tanto aos aspectos da religião, com a contestação do sistema de valores heliocêntricos, quanto à separação entre homem e natureza, entre sujeito e objeto, entre mente e realidade. Aqui há uma contestação ao pacto de aliança entre homem e natureza, das referências sociais sobre a existência humana e sua influência sob a ótica do determinismo religioso. No Iluminismo e Romantismo, a influência religiosa torna-se fragmentada em conhecimento secular e moral secular. Cabe enfatizar que o conhecimento e a lógica moral divina, antes centralidade na percepção de mundo, tornam-se controversos acerca da existência humana. A categoria sujeito vai se constituindo com o fundamento do conhecimento, que não compreende mais as crenças religiosas e as influências sobrenaturais. A crise de valores provoca transformação na forma de compreender este indivíduo, que enquanto sujeito, tem um papel fundamental no processo investigativo acerca da subjetividade. Assim, a subjetividade privatizada tem um nascimento, como objeto de estudo da psicologia, sob a ótica racionalista.

Na modernidade, a psicologia surge como ciência com a adoção do método científico, no qual medir e quantificar são compromisso metodológico. A psicologia estabelece para si a meta de modelizar a subjetividade, buscando a

lei geral de seu funcionamento, a *psico-lógica* da subjetividade ou lógica da psiqué. A proposta é estabelecer a teoria de um funcionamento na subjetividade, evidenciando a regra à qual tal funcionamento está submetido (PASSOS, 1992).

A proposta desta revisão literária é analisar as raízes históricas desta noção de interior da experiência privada que tem sido explorada metodologicamente por vários cientistas da subjetividade, por meio de uma análise crítica de seus constructos teóricos e metodológicos, contrapondo os métodos de investigação racionalista e empirista, com os modelos científicos da Psicologia Moderna.

A categoria de sujeito da filosofia racionalista

Desde o renascimento, com o advento das teorias racionalistas, a filosofia contribuiu significativamente para o surgimento da psicologia enquanto ciência autônoma ao considerar a categoria de sujeito. Uma contribuição significativa foi de **René Descartes**(1596-1650), ao afirmar que a alma era provida de razão, uma substância pensante, que tinha o poder de dirigir e alterar o rumo mecânico dos acontecimentos. Descartes é normativo ao considerar que a mente age sobre o corpo e sofre influência do corpo através da sensação, emoção e ação. Com esta visão de homem, na modernidade, nos deparamos com a separação entre homem e natureza, entre sujeito e objeto, entre mente e realidade. Entretanto, quando nos remetemos aos pressupostos teóricos da psicologia moderna, não podemos desconsiderar este constructo que advém das crenças dualistas entre mente e corpo proposto pelos racionalistas. Entretanto, cabe ressaltar que, ao considerar a subjetividade interiorizada, os precursores teóricos desta linha desconsideram o contexto social como agente influenciador destes processos (HEIDBREDE, 1981).

Na corrente empirista, é importante mencionar a proposição de **John Locke**(1632-1704)segundo a qual todo o conhecimento é derivado de uma única fonte: a experiência. Esta é marcada por dois polos: a sensação (objetos sensíveis ao mundo exterior) e a reflexão (percepção das funções de nossa própria mente). Desta forma, ele refuta a existência de ideias inatas ou abstratas. Nasce então a explicação do conhecimento de qualidade primária (movimento, forma, solidez, e número que existem no objeto em si) e formas secundárias (cores, sons, sabores que dependem do aparelho sensorial do organismo). Por sua vez, **DavidHume** (1711-1716) influenciou diversos campos do conhecimento ao fazer uma crítica do *eu*, colocando em dúvida a existência do eu pensante como princípio de causalidade. Ao examinar o *eu*, nada encontra senão percepções isoladas, ou seja, nada que corresponda ao *eu* que os filósofos descrevem como uma substância simples que persiste através de toda transformação. As ideias de causa contêm a ideia da conexão necessária, porém quando ele procura ligá-la de novo com as experiências das quais ela possivelmente provém, nada encontra de ideia de necessidade, apenas contiguidade e sucessão. Sua crítica aos modelos filosóficos é de que a ideia de causalidade nunca é encontrada na experiência, isto é, não possui validade objetiva. É produzida na mente e não descoberta no objeto. O único parâmetro para o estabelecimento da causalidade seria a estabilidade que a associação causal encontrasse na realidade. A realidade é, assim, o fundamento do conhecimento (MONTEIRO, 2000; CHIBENI, 2006)

Uma crítica feita por Danziger (1990) era que Locke apelou para aspectos de sua experiência no estudo da autoconsciência sem analisar a metodologia. A

filosofia mental de Locke era encontrar alguma identidade entre seu objeto e objetivo. Ele estava interessado em parar a teoria empirista do conhecimento e fazer uma teoria do funcionamento mental. Mas ele não distinguiu o problema da psicologia com a mente como causa natural do mundo na constituição do conhecimento. Nesta ótica, a filosofia da mente era baseada na evidência do reflexo, mas a filosofia tradicional não faz esta definição. Essa distinção entre mente e experiência traz o conflito entre o empirismo e o racionalismo. Contudo, a transposição da psicologia racionalista para a psicologia empirista não foi o suficiente para constitui-la como uma ciência autônoma.

Ao final do Século XVIII, precisamente em 1786, o empirismo crítico surge quando **Immanuel Kant** (1724-1804) rompe com a metafísica dogmática afirmando que o conhecimento direto do mundo e da alma é impossível, ao criticar a razão pura como fonte de conhecimento. Ele defende que todo e qualquer conhecimento passa primeiro pela experiência. Kant, ao mesmo tempo que afirmava o papel do intelecto na experiência, declara que este era válido somente dentro do campo da experiência, e que todo conhecimento que pretendesse transcender a mesma, ser absoluto e de certeza final, não tinha fundamento. Ele afirma então que somente o conhecimento empírico pode ser adquirido. Desta forma, nasce a experiência subjetiva, que nada mais é que uma ciência do psiquismo. A psicologia empírica de Kant permite uma analogia a um método científico, a partir do pressuposto da cientificidade do objeto de estudo, tendo em vista que Kant situou-se no campo da experiência, dos fenômenos do sentido interno. Neste marco histórico, a psicologia deixa de ser disciplina metafísica para torna-se empírica, abrindo caminho para a psicologia experimental. Entretanto, Kant faz uma série de críticas à psicologia empírica como ciência. Em seu Veto Kantiano, ele critica a ausência de objetividade na definição de seu elemento ou objeto de estudo; ausência de objetividade em seu método de investigação; e ausência de quantificação. Desta maneira, surge o conceito positivismo enquanto doutrina que afirma que o único conhecimento autêntico e válido deve ser público, empírico e quantificável. FERREIRA (2005).

Segundo Danziger (1990) Kant teve uma forma diferente de ver como a mente era presente para a subjetividade da autoconsciência e os princípios gerais em termos em que a vida é organizada. Kant teve razão para acreditar que os dados da sensação interna poderia sempre resistir a matematização, então ele compartilhou que a psicologia nunca seria uma ciência verdadeira. Desta forma, o método introspectivo contribuiu para o mundo, para a história da psicologia antes da ambiguidade. Tal revolução é uma resposta ao antagonismo presente nas proposições elaboradas pelos racionalistas, que eram analíticas a priori, e nas elaborações pelos empiristas, sintéticas *aposteriori*. Ele separou filosofia para um tipo de mente, na ótica da consistência racional da ciência. Com a introspecção ele teve uma produção do caminho do tratamento matemático, mas não foi feliz com o objeto científico. Kant examina a consciência do indivíduo limitado ao resultado do contexto filosófico científico. Sua filosofística limitaria em torno do conhecimento empírico.

Em síntese, o problema da introspecção era a discussão do método ser um projeto coletivo, que era colocado no contexto de objetivos cognitivos e compartilhamento social. O método não era idiossincrático. Havia uma sociedade social de significados que determinava a forma da prática da introspecção. A crença existente do objeto, a palavra privada da experiência interna era condição significativa da discussão da introspecção como método.

Mas Kant não propôs um caminho certo para falar sobre a experiência humana, um sistema de divisão entre a experiência de vida. Para ele, a relação de várias ciências constituiu vários campos de estudo com elementos metodológicos. Ele contribuiu para alguns termos como a introspecção, matematização e experimentação. DANZIGER (1990).

Outras gerações como o fisiologista **Müller** (1801-1858) usou o método experimental como Raymond (1818-1896). Em 1826 o fisiologista **Müller** apresenta a teoria das energias nervosas, contribuindo para o estudo das sensações (ideias ou impressões) e variações de energias nervosas. Surge então um papel relevante dos fisiologistas para a concepção da psicologia moderna. Cabe ressaltar que, enquanto constructo teórico e metodológico, sua teoria forneceu uma base da moderna fisiologia nervosa ao conceber os nervos não mais como dutos de uma matéria sutil, mas de energias nervosas específicas. Desse modo, a sensação passou a ser definida como elemento preciso, passível de observação, controle e quantificação. Sendo assim, a sensação veio a ser utilizada como elemento para a construção de uma possível psicologia, pois ela liga a) o mundo físico que estimula os sentidos; b) o fisiológico, uma vez que energias nervosas estão ligadas aos nervos e c) o psicológico, uma vez que a sensação seria a base de nossas representações. Os fisiologistas se inspiraram em Wundt. Eles estudavam as funções das estruturas da anatomia da organização. Seu objeto de investigação muda o método. O funcionamento não era visto como propriedades únicas visíveis da anatomia, mas um objeto abstrato de investigação que envolvia vários organismos e processos, um objeto abstrato de investigação que envolvia vários organismos de processos invisíveis. As estruturas estavam agora subordinadas às funções gerais que envolviam a interação de muitos organismos e sistemas. A sistemática usada na experimentação garantia a predominância da perspectiva funcional para um único tipo de questão que era perguntado e respondido sem a estrutura investigativa da questão funcional. A psicologia considerava o contexto fisiológico e a influência no desenvolvimento psicológico. A experiência sensorial como contexto da função tornou-se depois um objeto da psicologia. A função depende dos aspectos de experiência sensorial na condição de estímulo, como a intensidade, localização espacial, e a duração temporal. Isso tornou um tipo de investigação psicológica experimental e mostrou o maior contexto empírico de textos por muitos anos depois. O modelo dos fisiologistas experimentais levou a uma nova disciplina na escolha de pesquisa para estudos da estrutura funcional. Ao final do século XIX, os empiristas e os fisiologistas chegam a um ponto em comum. Enquanto os empiristas acreditam nos elementos constituintes da mente humana e as leis que governariam a associação entre esses elementos; os fisiologistas chegam a compreensão do funcionamento dos sentidos humanos por meio do método experimental.

É interessante observar que entre o final do século XIX, alguns filósofos e fisiologistas deste período já poderiam ser considerados psicólogos, se não fosse a adoção do método experimental. Entretanto, a fundação de uma psicologia requer mais que a pesquisa e o interesse de determinado assunto. Todo o conhecimento é institucionalizante. Não é internalizado entre uma mente real e o mundo. Existe uma relação entre um grupo com a experiência desta espécie, com o fazer, existe uma lacuna entre teoria e experiência. O cientista não chega a uma conclusão que qualquer teoria é válida e verdadeira, sem a utilização do método experimental. Entretanto, o método experimental é

diferente do método científico. Antes de Wundt, já existiam vários tipos de experimentação, que teve contribuição nas raízes históricas da psicologia. O termo psicologia experimental refere-se a forma específica de uma história da psicologia.

Ao final do século XIX, **Wilhelm Wundt** (1832-1920) propõe uma reforma conceitual e metodológica da psicologia. Ele fundou o primeiro laboratório experimental de Psicologia do mundo (1879) na universidade de Leipzig para poder usar a condução do método experimental. O primeiro laboratório de Psicologia experimental marca na história o estabelecimento da Psicologia como ciência, ao permitir isolar certas variáveis, manipular dentro de certos limites alguns dos seus fatores e, medir de forma precisa e quantitativa as respostas dos sujeitos. Desta forma, Wundt faz um “ataque” a Psicologia metafísica (ciência da alma) ao propor a utilização de seu objeto de estudo a experiência imediata. Assim, a consciência torna-se seu objeto de investigação ao propor métodos de análise a utilização do experimento por meio da interferência proposital do pesquisador e a observação, ou seja, a apreensão de fenômenos e objetos sem qualquer interferência do observador. Em sua narrativa, um sujeito sozinho constitui um campo da Psicologia como um todo. Ele considera a percepção e as sensações um meio para acessar o fenômeno consciente. Com o modelo analítico da introspecção, seu método utiliza uma versão experimental da consciência, ou seja, uma função unificadora das sensações.

Para uma nova disciplina, elementos como observação, o controle e a quantificação não eram mais o suficiente. Mais do que elaboração de ideias e associação de elementos, era necessário a formação de um grupo de trabalho com linhas de pesquisa e métodos bem delineados, com rigor metodológico, quantificação e mensuração dos dados observados e analisados; bem como um local para a realização dessas pesquisas e um meio para a divulgação das novas ideias.

Segundo Danziger (1990) Wundt baseou-se em seus estudos experimentais uma prática de pesquisa experimental que havia crescido recentemente na fisiologia. Suas preposições se aplicavam na produção de diferentes objetos de investigação, onde esse objeto era endereçado pela psicologia experimental. Historicamente, a ideia de objeto de investigação estava associada à prática da introspecção. Mas Wundt está longe de alcançar o rigor científico, ao utilizar uma versão empírica, experimental da consciência. Sua lógica psíquica está para além da estrutura, e sim definição de regras do pensamento psíquico, isto é, um modelo analítico do funcionamento psiquismo.

Essa ideia é arbitrária se considerarmos todas as datas das disciplinas. Essa arbitrariedade é em decorrência da rivalidade das reivindicações de outras localizações ou individualidades que originaram os fatos do nascimento da disciplina não como uma singularidade eventual, mas um processo complexo estendido ao considerar outros períodos. A psicologia tem um período relevante antes desta data. DANZIGER (1990).

Se analisarmos a conjuntura sócio histórica das raízes da Psicologia, até o início do século XX, não havia uma sistemática nas teorias filosóficas e discussões sobre o homem, isto é, não havia uma separação no campo do saber. Isso posto, o modelo científico da Psicologia Moderna é o compromisso de fazer coletivo, por meio do experimentalismo. Desta forma, a lógica da Psique vai além do método analítico dos elementos da percepção e sensações fisiológicas.

Danziger (1990) analisa que antes a experimentação era puramente uma atividade cognitiva. Essa abordagem ignora o ponto crucial sobre a moderna experimentação científica, pois não se acessa a atividade privada. Os processos são secretos, mas a técnica para a produção social passa por um consenso sobre os fatos. Os cientistas experimentais supõem que para lidar com o fenômeno, que são o principal acesso para a produção, deveria ser replicado por outros cientistas ou pesquisadores com treinamento e material necessário. O sucesso do programa dos cientistas experimentais vem da comunidade de investigação que concordam com a veracidade da observação porque eles compartilham suas replicações ou explicam as informações. Existe uma convenção do fenômeno. A ciência não é uma questão cognitiva, mas um arranjo social.

Em suma, a crítica a Wundt entre a formação e a disciplina experimental era que seus textos não foram publicados para a contestação. A organização de aspectos do trabalho de pesquisa no laboratório de Leipzig o fez compartilhar o tédio de muitas características das investigações, especialmente os psicologistas. O problema é que não havia separação entre o experimento e o objeto da psicologia experimental. De qualquer forma, as implicações dessa mudança foram extremamente abrangentes, pois demonstraram que a natureza do objeto da investigação psicológica estava ligada à estrutura.

O movimento funcionalista em Psicologia é caracterizado como uma proposta da interpretação dos fenômenos psicológicos derivada do pragmatismo. Descrita como um protesto contra a psicologia da consciência defendida por Wundt, voltada para o estudo da estrutura da mente, a perspectiva funcionalista focaliza ao funcionamento da mente e seu papel na adaptação do organismo ao ambiente. Assim, as funções mentais são tratadas como totalidades em ação, e busca-se aplica-las em termos de suas finalidades no processo de adaptação (SCHULTZ; SCHULTZ, 2000).

Não podemos negar que o programa de Wundt buscava estudar uma visão idiossincrática do homem, algo que os fisiologistas e filósofos consideravam irrelevante para o conhecimento e suas prescrições metodológicas contribuíram para a ciência experimental. Contudo, Wundt estava longe de propor um método científico passível de observação e quantificação. Isso veio a ocorrer *a posteriori* com o advento da Psicologia Americana, ao qual produziu uma perspectiva de padronização e mensuração dos processos investigativos. Com o advento da moderna Psicologia científica proposto por Wundt, o behaviorismo clássico surgiu em oposição ao mentalismo e à introspecção. O precursor desta Psicologia *Behaviorista* foi John Watson (1878-1958) no qual argumentava que qualquer observador pode mensurar objetivamente o comportamento público observável, justamente porque diferente dos processos cognitivos, que são privados, o comportamento é público. Desta maneira, ele busca a cientificidade em seu método investigativo, denominado por ele de “experimentos” psicológicos, estudando o comportamento publicamente observável e a adequação ao método científico, considerando que a relação estímulo e resposta (S-R) poderia condicionar uma resposta incondicionada (reflexos) a uma resposta condicionada. O termo reflexo psíquico foi utilizado por Pavlov para descrever o condicionamento de reflexos em um primeiro momento, contudo esta terminologia foi abandonada em favor da alternativa mais objetiva, pelo reflexo condicionado. Seu objetivo teórico era a previsão e o controle do comportamento. Talvez por este motivo, a escola de

Watson foi nomeada pelos *behavioristas* radicais de *behaviorismo* metodológico através do manifesto *behaviorista*, em decorrência do uso metodológico em suas experimentações, aderindo ao método científico. O termo *behaviorismo* clássico foi muito questionado pela comunidade científica, alegando inclusive que o estudo do binômio estímulo e resposta (S – R) como unidade mínima de comportamento surgiu antes mesmo da perspectiva Watsoniano, originada pelos estudos dos fisiologistas Séchenov (1829-1905), Bechterew (1857-1927) e Pavlov (1849-1936) com a fisiologia dos reflexos.

Skinner (1904-1990) no *behaviorismo* radical estuda o comportamento privado e o comportamento público. Diferente dos *behavioristas* metodológicos, proposto por Watson (1878-1958), Skinner afirma que “eventos mentais não existem, mas eu vou estudá-los”. Nesta perspectiva, o que diferencia os dois modelos conceituais (*behaviorismo* metodológico e *behaviorismo* radical) é exatamente o objeto de investigação. Enquanto Watson busca a cientificidade nos aspectos metodológicos do comportamento observável e mensurável, Skinner avança com os estudos do comportamento público como variável externa que pode ser moldada e condicionada, assim como Watson; contudo, Skinner considera em seus estudos a investigação dos aspectos internos, descartando em seus conceitos e categorias a existência de uma consciência, vontade, inteligência, emoção e memória, proposto *a posteriori* pelo cognitivismo.

Obehaviorismo foi muito criticado por outras escolas funcionalistas, tais como Piaget e Vigotsky, ao reduzir o homem a respostas animais. Para os leigos sobre este conceitual, as ideias era que Watson e Skinner ignoravam os processos cognitivos e afetivos, ou não levava em conta o que há de único, subjetivo e particular no sujeito; ou ainda a ideia de que o *Behaviorismo* entende o ser humano como um organismo passivo diante do meio. Podemos afirmar que estas características são, em grande parte, do Behaviorismo Clássico de Watson e não do Behaviorismo Radical de Skinner. Pode-se dizer também da falta de conhecimento dos críticos a respeito da evolução da abordagem(TODOROV, 1982).

Na vertente da psicologia comportamental, a tríade entre o *behaviorismo* radical, a análise experimental do comportamento e a análise do comportamento aplicadoera o controle das variáveis externas, que por sua vez, está em função das contingências ambientais. Baum (2006) relata em sua obra que o *behaviorismoradical*, marcado pelo período de 1920 a 1950 é um tópico controverso, no qual Skinner sustentava que o caminho para uma ciência do comportamento estava no desenvolvimento e não apenas no método das ciências naturais. A interação organismo e ambiente como função biológica adaptativa, é entendido dentro de um contexto e a partir das relações funcionais (as contingencias) e descreve um modelo selecionista de causalidade, abrangendo a história da espécie, do indivíduo e da cultura. Nesta perspectiva, o homem é agente no ambiente, ou seja, ele opera, modifica o meio; e ao mesmo tempo é influenciado, controlado e modificado por ele. Esta filosofia está dentro de uma perspectiva monista e anti mentalista ao enfatizar o controle externo de comportamento. Sua teoria possui uma raiz epistemológica nas matrizes funcionalistas, ou seja, existe uma lógica funcional ao afirmar que o comportamento é a relação, e sua função comportamental é vista como resposta desta interação com o meio. Neste momento, ele propõe a teoria da seleção das consequências (1980-1990), explicando seu modelo de causalidade pelos três

níveis de variação e seleção, sendo a filogenética, a ontogenética e a cultural. Desta forma, o comportamento só tem significado quando inserido em um contexto.

Jean Piaget (1896-1980) foi considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Piaget vê o ser humano como sujeito ativo, que se constrói em sua constante interação com o mundo. Sua abordagem do desenvolvimento cognitivo é conhecida por epistemologia genética. Não podemos negar sua contribuição e considerável impacto no campo da ciência da computação. Tornou-se, na segunda metade do século XX, a principal referência internacional na área da psicologia do desenvolvimento intelectual da criança e da psicologia da educação, ao propor a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano. Em 1950 publica sua primeira síntese epistemológica ao apresentar o pensamento matemático, o pensamento físico e o pensamento biológico, psicológico e sociológico. O resultado desse esforço é reunido nos Estudos de Epistemologia Genética, publicados anualmente entre 1955 e 1980. Piaget busca mostrar de que maneira o homem ao nascer, apesar de sua carga hereditária que remonta a anos de evolução, não consegue manifestar a mais simples operação de pensamento ou o mais simples ato simbólico. (Becker, 2009). O construtivismo de Piaget propõe que nada está pronto ou acabado. O conhecimento não é dado como algo determinado. Ele se constitui em sua interação com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais. Por meio de sua força genética e interação com o meio, sua gênese e seu desenvolvimento. Em sua visão, a aprendizagem só ocorre na medida do desenvolvimento do conhecimento, com o movimento das estruturas da consciência.

Analisando estes constructos teóricos e metodológicos da psicologia científica e funcionalista, podemos refletir sua relevância para o advento das teorias cognitivistas e conexionistas. Não podemos negar a contribuição histórica dos estruturalistas Müller, Kant, Titchener, Wundt e o construtivismo de Piaget para o surgimento das ciências cognitivistas. As ciências cognitivas propõem a possibilidade de simulação da mente através dos modelos computacionais, atribuindo o papel mediador aos processos cognitivos, na interação entre organismo e meio. O desenvolvimento das ciências cognitivas foi um resgate do estudo da consciência. Essa abordagem transdisciplinar do conhecimento, teve contribuições da computação, da inteligência artificial, da cibernética, das neurociências, filosofia e linguística.

De acordo com as bases epistemológicas do cognitivismo tendo seu marco histórico entre 1955 e 1966 com as conferências realizadas nos Estados Unidos no campo da memória, a psicologia cognitiva estuda a forma como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação. A teoria cognitiva sugere que o conhecimento tem origem não apenas da experiência, como também é influenciado pela estrutura do sistema nervoso do organismo, mais um elemento para abalar a ideia de que o conhecimento é apanágio da inteligência humana. Nesta ordem, os procedimentos científicos não se baseiam unicamente na observação, como também são moldados pela teoria particular sustentada pelo experimentador que cria os procedimentos. Sendo assim, a mente de uma criança não é inteiramente uma tabula rasa, mas, primeiramente, possui potencialidades limitadas na memória, processamento e velocidade de cálculo, como também tendências a responder a certos estímulos ambientais e a ignorar outros. E por fim, a consciência não pode ser inteiramente reduzida à

“química mental”, uma vez que suas partes componentes não podem explicar propriedades emergentes. Essa proposta teórica ocorre num *continuum*, onde a centralidade do processo cognitivo encontra-se na experimentação do sujeito e não unicamente em sua interação ambiental, como é proposto pela teoria *behaviorista*. (KASTRUP, 2007, pp. 229).

Com a percepção de que eram necessárias diferentes abordagens e conceitos para abordar uma psicologia humana, os desenvolvimentos na psicologia alemã, britânica e francesa forneceram parte do combustível da revolução cognitiva, ou seja, um retorno em evolução às atitudes e tendências que estavam presentes antes do advento do *behaviorismo* e que estavam vivas fora dos Estados Unidos, onde os *behavioristas* não haviam desenvolvido nenhum apoio coerente. O conceito de máquina abstrata, a comunicação binária, a criação da cibernética e o rompimento com os limites do humanismo e vitalismo, romperam com a lógica das raízes funcionalistas proposto por Watson e Skinner. (KASTRUP, 2007, pp. 235).

A “nova ciência da mente”, publicado na década de 80, retoma a investigação da mente destituída da dimensão da experiência. O método computacional, ou seja, o computador como um sistema equivalente à mente humana, ao qual processa a informação sob a lógica matemática no campo das neurociências, retoma a lógica das relações complexas entre o cérebro, a mente e a máquina.

Não podemos negar a contribuição relacional proposto pelos *behavioristas* quando os anos cibernéticos se aproxima da linguagem. Mas os modelos da emergência não constituem exatamente um novo paradigma. O conexionismo considera que a cognição funciona num nível sub-simbólico que é composto por unidades simples que se conectam através de processamento paralelo e distribuído. A tônica incide sobre a reciprocidade das conexões, e não sobre sua linearidade. Desta forma, esta nova perspectiva rejeita o modelo computacional ao propor que as tarefas simples como o reconhecimento de figuras não podem ser explicadas através de um modelo de causalidade linear, lógica e abstrata, como defendia o cognitivismo computacional. Neste sentido, os engenheiros conexionistas desenvolvem um modelo baseado em máquinas mais rápidas e inspiradas no funcionamento do cérebro, sendo conhecido como redes neurais, sendo propriedades globais a partir de um conjunto de elementos simples e não inteligentes.

Para Deyfrus (1991) in Heidegger (2005), a explicação cognitivista elucidada apenas a cognição do iniciante, cuja conduta é guiada por regras, enquanto no conexionismo estaria muito melhor habilitado para o entendimento da aprendizagem da perícia. A dimensão filosófica do conexionismo esta pautada no reconhecimento de que a representação distribuída não mantém uma relação de correspondência com os elementos do mundo externo. O reconhecimento de um objeto envolve toda a rede de conexões sub-simbólicas, sem recorrer à medida da semelhança predeterminada de traços do mundo externo. Sendo assim, no início do processo de aprendizagem, o sujeito recebe instruções gerais sobre como se conduzir, agindo através da mediação de regras e representações. Com o desenvolvimento do aprendizado, a conduta vai se tornando cada vez mais imediata e contextual, prescindindo de tal mediação. O caminho do aprendizado vai do abstrato e geral para o concreto e contextual.

Outra perspectiva que contribuiu para o paradigma da cognição foi o conceito de autopoiese, proposto por Maturana e Varela (1995). De acordo com

essa abordagem, estes sistemas vivos se definem como sistemas auto-produtivos, ou seja, que têm como características produzirem-se a si mesmos enquanto funcionam. A ênfase dos autores incide sobre a emergência do sistema vivo a partir de uma rede de processos físico-químicos. O sistema vivo é um sistema cognitivo. A alternativa proposta é uma via intermediária, onde sistema cognitivo e domínio cognitivo são co-engendrados num movimento de vaivém, através de um mecanismo de causalidade circular. Assim, A adaptação não é entendida como adequação da conduta a um mundo preexistente, mas acoplamento direto entre o sistema cognitivo e o domínio cognitivo, envolvendo composição, ou seja, transformação mutua e permanente do organismo e do ambiente. Não se trata de adaptar-se ao meio e sim de compor com o meio. Não podemos negar que a ênfase na ação e em seu papel na construção do sujeito e do objeto do conhecimento aproxima a teoria da autopoiese do construtivismo de Piaget.

Com os avanços das ciências físicas e biológicas e a adoção do método experimental na análise do comportamento, a abordagem cognitiva-comportamental nasce ao final dos anos 1960, ao se opor aos modelos comportamentais (E-R) proposto pelos *behavioristas*. Bandura (1925 -) apresenta que um dos problemas da aprendizagem pelas consequências relaciona-se ao fato de que o indivíduo deve se comportar antes de aprender. Ele apresenta uma teoria da aprendizagem sem tentativa, conhecida como modelação, que é comum entre os seres humanos e que ocorre pela simples observação, sem a necessária reprodução do comportamento. Assim, a aprendizagem social se desenvolve também pela exposição aos modelos reais da vida do sujeito, que desempenham funções intencionais ou não, padrões de comportamento que podem ter sido imitados. Esta modelação resulta processos cognitivos que abrange atenção, julgamento sobre os modelos e as consequências comportamentais sugerindo então que a intermediação cognitiva influencia o comportamento. Cabe ressaltar que a tríplice contingência (S-R-C) não exerce poder unicamente instrumental. Os processos cognitivos também são importantes para o comportamento. Em síntese, a abordagem cognitiva-comportamental remete à existência de processos cognitivos, onde o comportamento é mediado pelos eventos cognitivos. E as emoções são influenciadas pelo conjunto de crenças e valores individuais, onde a pessoa procura um auto monitoramento para criticar seu sistema de crenças e manter sua saúde mental.

A Psicologia da Gestalt teve seu início do século XX por **Wertheimer** (1880-1943) na Alemanha, ao criticar a compreensão da experiência em função da combinação de elementos sensoriais. Para ele, os processos psicológicos e fisiológicos não poderiam ser concebidos como uma simples soma de elementos isolados e distintos, mas como um todo unificado. Desse modo, a Gestalt passou a rejeitar o estudo dos elementos da experiência (sensações), adotando a experiência imediata ingênua (i.e., não corrompida pela aprendizagem) como seu objeto. Suas primeiras pesquisas foram desenvolvidas no campo da percepção, mas logo se estenderam a outras áreas, contemplando processos de aprendizagem, memória, reações motoras, entre outros. O estudo de Wertheimer sobre percepção, editado em 1912, foi a primeira publicação da escola da Gestalt, atribuindo a seu autor o título de fundador do movimento. No entanto, Köhler (1887-1949) e Koffka (1886-1941) não foram menos ativos ao elaborar os conceitos da Gestalt e organizar a nova escola. Ao atacar o

atomismo, o mecanicismo, entre outras doutrinas bem estabelecidas em sua época, a Gestalt acabou por exigir uma revisão completa dos princípios fundamentais da ciência, estendendo suas contribuições para além da Psicologia. (MORAES, 2005).

Passar para uma interpretação psicanalítica da Psicologia é passar para um movimento muito diferente daqueles considerados até aqui. Os demais sistemas (e.g., Estruturalismo, Funcionalismo, Behaviorismo, Gestaltismo), a despeito de suas divergências, têm em comum uma fundamentação acadêmica, com forte base experimental. Nenhum deles teve sua origem na ciência aplicada, ao contrário do que ocorreu com a Psicanálise, que se fundamentou na prática clínica. Formado em medicina, **Sigmund Freud** (1856-1939) voltou seus interesses às desordens neuróticas, e foi com base em sua experiência com casos dessa natureza que elaborou a teoria e a prática psicanalítica. É interessante ressaltar que a Psicanálise possui uma outra peculiaridade epistemológica: a construção de seus conceitos esteve diretamente relacionada a aspectos pessoais da vida de seu fundador. Freud observava os fenômenos psíquicos de seu interesse em seus pacientes, amigos, familiares, mas também, e talvez primeiramente, em si mesmo. Portanto, sua formação intelectual e profissional, influenciada por um contexto rico e diversificado (abrangendo tendências culturais europeias dos séculos XVIII, XIX e XX), permeou toda a elaboração da Psicanálise. Ao longo de sua vida, Freud reformulou continuamente seus fundamentos teóricos, no entanto, o tema central, que resume o cerne da proposição freudiana, se refere ao conceito de inconsciente. Emergindo em uma Psicologia que sempre teve como foco a consciência ou, ainda, processos comportamentais diretamente observáveis, a Psicanálise se destaca com um objeto de estudo e métodos altamente diferenciados. (LOUREIRO, 2005).

A psicologia humanista surgiu na década de 50, ganhando força nos anos 60 e 70, como uma reação contrária às ideias psicológicas pré-existentes - o behaviorismo e a psicanálise - embora não quisesse reformulá-la ou ajustá-la, mas dar uma nova contribuição à psicologia. O movimento conhecido como a Terceira Força, pois queria substituir o comportamentalismo e a psicanálise, as duas outras forças da psicologia. Ao contrário das outras duas "forças", não se concentra em um só mentor, ou um paradigma fechado, mas agrega uma série de contribuições diversas em torno de algumas propostas comuns. (GOMES, HOLANDA; GAUER, 2004).

Segundo AmatuZZi (2001), a perspectiva humanista faz uma crítica à visão pessimista de Freud, mas apresenta simpatias por algumas partes das teorias de Alfred Adler, Otto Rank, Carl Jung e Wilhelm Reich. Em sua epistemologia, ela convive com neo-psicanalistas tais como Erik Erikson e Erich Fromm e recebe influências da Gestalt (de Kurt Lewin, Wolfgang Köhler, Kurt Koffka e Friederich Perls), do Psicodrama de Jacob Levy Moreno. Ao articular paralelos com as filosofias existencialistas e fenomenológicas, marca sua presença de ideias de nomes tais como Kierkegaard, Buber, Nietzsche, Heidegger e Sartre. (Boainain Jr, 1994). Os principais constituintes deste movimento são: Carl Rogers (1902-1985) e Abraham Maslow (1908-1970).

O enfoque da psicanálise nos processos inconsciente; e o enfoque na observação apenas do comportamento, pelo behaviorismo, foram criticadas no século XX pelos novos movimentos da Psicologia que surgiram em meados deste século. As críticas ao comportamentalismo – behaviorismo - giravam em

torno de sua abordagem restrita, antinatural e árida acerca da natureza humana, que reduzia o homem à máquinas e animais propensos ao condicionamento. A divergência à psicanálise se mostrava no questionamento à ênfase no inconsciente, nas questões biológicas e eventos passados, no estudo de pessoas neuróticas e psicóticas e na compartimentalização do indivíduo.

Na verdade, o humanismo não é uma escola de pensamento, mas sim um aglomerado de diversas correntes teóricas. Elas têm em comum a visão humanizada, isto é, enfatizam o homem como possuidor de liberdade, no tempo presente. Sua origem é filosófica fenomenológica existencial, numa concepção de ideias. Foi fundada por Abraham Maslow (1908-1970), porém a sua história começa muito tempo antes. A Gestalt foi agregada ao humanismo pela sua visão holística do homem, sendo um importante campo da Psicologia, na forma de Gestalt-terapia. Mas foi Carl Rogers (1902-1987), um psicanalista americano, um dos maiores expoentes da obra humanista, que depois de anos a fio praticando psicanálise, notou que seu estilo de terapia se diferenciara muito da terapia psicanalítica.(AMATUZZI, 2010).

O humanismo teve influência das seguintes filosofias: existencialista e fenomenológica. O existencialismo tem o homem como ponto de partida nos processos de reflexão, onde o ser e a existência passam a ter centralidade. A fenomenologia investiga a experiência consciente: o fenômeno. Busca chegar ao fenômeno em sua essência, considerando a sua totalidade e visando, deste modo, a incorporação de uma atitude crítica perante a realidade. A Psicologia Humanista é centrada na pessoa e não no comportamento, enfatiza a condição de liberdade contra a pretensão determinista. Visa a compreensão e o bem-estar da pessoa não o controle. Segundo esta concepção, a psicologia não seria a ciência do comportamento, seria a ciência da pessoa, dando ênfase às qualidades humanas como: escolha, criatividade, avaliação e auto realização. (BEZERRA, 2007).

Sob a ótica humanista, há uma inquietação e reconhecimento da integridade e valor do homem e o interesse no desenvolvimento das potencialidades de cada pessoa. Considera-se fundamental neste ponto de vista a pessoa tal como ela se descobre em seu próprio ser e se relaciona com outras pessoas e grupos sociais. A Psicologia Humanista propõe que o foco de atenção se volte ao ser humano em sua totalidade, considerando-o como uma entidade complexa de natureza biológica, psicológica e vivendo em sociedade. Como pessoa, o ser humano tem a propriedade de ter consciência de quem é ou do que é nas relações que se envolve, quer seja consigo mesmo ou nas relações com os outros, fazendo uso da intuição e da reflexão, procurando aprofundar o significado da existência humana e tentando buscar um enfoque científico humano, qualitativo (não apenas quantitativo) para a Psicologia. (BARRETO, 1999).

Considerações finais

Fazendo uma contextualização sócio histórica, podemos notar a importância das raízes da Psicologia para o surgimento das abordagens teóricas e metodológicas da Psicologia Moderna. Desde os primórdios filosóficos e as influências fisiológicas dos cientistas, a centralidade do sujeito é objeto de investigação, seja na individualidade, subjetividade, consciência, inconsciência,

racionalidade, interatividade, experiência, intelectualidade, sentidos, sensações, e outros objetos.

Em se tratando de método científico, a psicologia avançou significativamente em seus estudos para compreender e agir empiricamente sobre os fenômenos investigados. Com as contribuições de várias raízes epistemológicas, surge as abordagens psicológicas como método de aplicação prática nos diversos contextos, tais como a psicologia escolar, a psicologia clínica, a psicologia hospitalar e a psicologia organizacional e a psicologia social.

Psicologia Moderna teve influência de vários fundamentos teóricos e metodológicos, tais como a perspectiva estruturalista, Funcionalista, Conexionista, Existencialista, Fenomenológica e Humanista. Seu método empírico e científico divergem de abordagens práticas, contudo não há um consensual acerca do objeto de estudo, tendo em vista que cada abordagem teórica percebe o sujeito a seu modo de pensar, analisar e contextualizar os fenômenos psicológicos e sociológicos da época.

Em todo o caso, os cientistas propõem que a Psicologia seja uma ciência empírica e científica em sua totalidade, integrando homem e sociedade sob a ótica das interações sociais e/ou da construção sócio histórica num olhar mais humano e talvez, ousado dizer, tecnológico e moderno. Acerca da subjetividade, constatou-se vários constructos teóricos e metodológicos que divergem e alguns convergem sobre sua origem e sentido. Em síntese, enquanto houver subjetividade, haverá humanidade.

Referências

AMATUZZI, M.M. (2001). **Por uma psicologia humana**. Campinas: Alínea, 2001.

AMATUZZI, M.M. (2010). **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. Campinas: Alínea002E

BARRETO, C.(1999). **A compreensão e o lugar da abordagem centrada na pessoa no espaço científico-sociocultural contemporâneo**. *Revista symposium*, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 3, p. 34-40. 1999.

BEZERRA, M. E. **Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico-existenciais: terapia centrada na pessoa e gestalt-terapia**. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Social). Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Federal do Pará.2007.

CHIBENI, S. S. **Algumas observações sobre o método científico**. Departamento de Filosofia – Unicamp. São Paulo, 2006.

CHIBENI, S. S. Hume e as crenças causais. J. AHUMADA; M. PANTALONE; V. RODRIGUEZ, V.(eds.),**Epistemología e historia de la ciencia**. Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, v. 12, p. 143-149, 2006.

Danziger, K. **Constructing the subject: Historical origins of psychological research**. New York: Cambridge University Press. 1990.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. D. **Psicologia, uma nova introdução: Uma visão histórica da psicologia como ciência**. 3º. Edição. São Paulo: Educ, 2008.

FERREIRA, A. A. L. A Psicologia no recurso aos Vetos Kantianos. In: JACÓ-VILELA, A. M., FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Eds.). p.97-103. **História da Psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro, RJ, Nau: 2005.

GOMES, W. ; HOLANDA, A.; GAUER, G. Psicologia Humanista no Brasil. Em: Massimi, M. (org.). **História da psicologia no Brasil do século XX**. São Paulo: EPU. 2004.

HEIDBREDE, E. **Psicologias do Século XX**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

JACÓ-VILELA, A.M; FERREIRA, A.A.L.; PORTUGAL, F.T. A psicologia no recurso aos vetos kantianos in: **História da psicologia: rumos e percursos**. Pp. 85 – pp. 91. Nau editora: Rio de Janeiro. 2005.

KASTRUP, V. A psicologia no contexto das ciências cognitivas. In: JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F.T. (Orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**, p. 215-238. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

MATURANA, H.R. ;VARELA, F. G **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP. Editora Psy, 1995.

MONTEIRO, João Paulo. Associação e crença causal em David Hume. **Manuscrito**, v. 23, n. 1, p. 99-120, 2000.

MORAES, M. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. In JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F.T. (Orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**, p. 301-308. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

PASSOS, Ed. O sujeito cognoscente entre o tempo e o espaço. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

SCHULTZ, D. P. ; SCHULTZ, S. E. **Historia da Psicologia Moderna**. Editora Cultrix. Rio de Janeiro, 2000.

TODOROV, J. C. **Behaviorismo e Análise Experimental do Comportamento**. Cadernos de Análise do Comportamento, n.3, pp.10-23. Universidade de Brasília. Brasília, 1982.

